

RELAÇÕES (DES)IGUAIS DE GÊNERO NA ESCOLA: UMA REALIDADE NUA E CRUA VIVENCIADA PELAS MENINAS E MENINOS NO COTIDIANO ESCOLAR

ELIANE ALVES DE OLIVEIRA¹

MARIA DE FÁTIMA DE ANDRADE FERREIRA²

RESUMO

Este texto apresenta um recorte teórico, parte da pesquisa de mestrado realizada em escola da rede pública de ensino do estado da Bahia. Nele, discutimos relações (des)iguais de gênero, que demarcam espaços internos/externos a escola, entendidas como relações mais amplas da sociedade capitalista, culturalmente assentada no patriarcado e seus impactos na educação (re)produzida, um “nó” que mescla e amarra gênero, raça/etnia e classe, construindo dinâmicas de desigualdades culturalmente arraigadas na sociedade. Pesquisas sobre gênero e mulher no Brasil revelam a importância da escola como espaço educacional, evidenciando que situações de violência e crise educacional aprofundam desigualdades que resultam das diferenças socialmente percebidas nos processos de escolarização, aprendizagem/permanência de meninas e meninos na escola.

Palavras-chave: Relações de gênero. Patriarcado-racismo-capitalismo. Escolarização e desigualdades.

¹ Graduada em Letras pela UNEB, Campus XXI, Ipiaú, BA; Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdade e Colégio Santo Agostinho (FACSA); Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC, UESB, Jequié - BA. Membro da Rede de Pesquisa Discursos, Representações e Violência na Escola (UESB/FAPESB/CNPq).

² Pós-Doutorado em Antropologia Social e Doutorado em Educação (UFBA). Docente da UESB, do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Ensino (RENOEN), Mestrado em Ensino (PPGEN), Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) e Pedagogia. Coordena a Rede de Pesquisa Discursos, Representações e Violência na Escola (UESB/FAPESB/CNPq).



INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma discussão sobre relações (des)iguais de gênero na escola, com foco nas interações socialmente construídas entre alunos e significados que a escola atribui para o ser menino e ser menina, demarcando espaços internos e externos da escola e formas de participação em práticas escolares. Esses espaços podem se constituir em lugar privilegiado ao aprendizado de (pre)conceitos e separação que discrimina meninos e meninas de modo a justificar desigualdades, que resultam de diferenças socialmente percebidas, tomadas como importantes no entrelaçamento das relações sociais, processo de escolarização e formas de educar, socializar alunos.

Nele, tratamos do patriarcado e seus impactos nas relações entre meninos e meninas e a educação (re)produzida na escola, tendo como desafio uma questão levantada por Saffioti (2015) sobre o "nó" conceitual formado pelo patriarcado-racismo-capitalismo, que mescla e amarra gênero, raça/etnia e classe, constrói dinâmicas de desigualdades culturalmente arraigadas na sociedade capitalista, marcada pela misoginia, homofobia, machismo, autoritarismo. Não se pode negar que a violência contra a mulher é uma realidade nua e crua (SAFFIOTI, 2015) que diversas mulheres vivem cotidianamente e se apresenta de formas diversas e situações chocantes, agressões físicas, abusos psicológicos, tentativas de estupro. Além disso, o desafio reside em defender o direito à autonomia e cidadania do aluno e reconhecer a escola como espaço de formação humana, um lugar no qual é possível vivenciar situações de violência e crise educacional que, na atualidade, aprofunda o fenômeno do abandono escolar e desigualdades "multiplicadas" (DUBET, 2003), de oportunidades nas relações de gênero, raça/etnia, que resultam das diferenças socialmente percebidas, tomadas nos entrelaçamentos sociais e processos de escolarização para meninos e meninas.



Na perspectiva de Louro (1999), Carvalho (2012), Saffioti (2015), Scott (1995), gênero é um elemento constitutivo da produção de identidades masculinas e femininas, uma construção social reproduzidas na escola e que implica na formação de meninas e meninos. É importante pensar a prática escolar e repensar a desigualdade de gênero com um olhar voltado aos resultados da permanência/aprendizagem escolar de meninos e meninas, revendo posturas/falas equivocadas da sociedade que são reproduzidas sobre padrões de gênero estereotipados e socialização sexista de forma espontânea/minimizadas pela escola. Tensões e dificuldades marcam as relações cotidianas entre meninos e meninas e podem influenciar no aprendizado, provocar consequências nos resultados da escolarização (CARVALHO, 2012) de escolas que tratam alunos e alunas de modo diferente, considerando meninas mais comportadas do que meninos, aponta quem fica mais anos na escola, falta pouco, repete menos, ou diz que meninos são melhores em matérias ligadas às exatas como matemática, física e química. As formas de fazer-se mulher e homem são reguladas ou negadas e “as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes)” (LOURO, 2007, p. 9. Essa é uma longa história das relações de gênero e suas relações com outros marcadores sociais da diferença que tornam as pessoas suscetíveis a experiências de violências, (pre)conceitos, desigualdades, exclusão escolar.

Rezende e Carvalho (2012) falam de processos escolares e formas de ser menino negro, com foco nas articulações entre gênero, raça e educação escolar e lembram que Robert Connell (2000), em “*Teaching the boys*”³, aponta duas formas de se considerar o ambiente escolar como formador de masculinidades e, “ensinando os meninos”, a escola produz sentidos. A

³ CONNELL, Robert W. “*Teaching the boys*”. In: CONNELL, Robert W. **The men and the boys**. Berkeley: UC Press, 2000. p. 148-172.



primeira forma "seria examinar a escola na qualidade de uma instituição que favorece esse processo através de suas práticas e valores" (REZENDE; CARVALHO, 2012, p. 46), como agente na construção de masculinidades. A segunda seria "investigar a escola como espaço em que outros agentes estão em jogo e também influenciam nesse processo, como o próprio grupo de meninos (*peer group*)" (p. 46). Esse exemplo permite observar que, embora não seja percebida na mesma proporção de consequências causadas, as desigualdades de gênero na escola como resultado de concepções de gênero e abordagem bipolar constroem, mantêm e reproduz diferenças e privilégios, definem o que pode ser menino e ser menina, masculinos e femininos, homem e mulher, disseminados pela sociedade. Daí a importância de refletir sobre essa questão, com uma visão crítica para resultados de aprendizagem e desempenho escolar de meninos e meninas em idade escolar e identificar os motivos do fracasso escolar de muitos meninos. As razões que explicam o maior interesse das meninas pelas aulas do que os meninos, conseqüentemente, mostram um tempo maior de permanência e melhores resultados de aprendizagem.

Este texto foi dividido em três partes e esta introdução; a primeira trata de gênero, interroga sobre quem são os indivíduos considerados diferentes e desiguais na escola e aponta reflexões sobre a sociedade brasileira capitalista, patriarcal, uma organização social, política e econômica marcada por relações de poder e dominação-exploração masculina. A segunda traz reflexões sobre desigualdades de gênero na escola e suas repercussões e esbarra na evidência de que a escola deve guiar-se por um projeto de transformação social, práticas cidadãs, um espaço educacional que "pode e deve dar o salto" (MORENO, 1999) para buscar mudanças de concepções, atitudes, formas de ensinar-aprender e viver a condição humana. A escola é evidenciada por experiências minoritárias já realizadas e que já deram certo. A escola é "uma caricatura da sociedade e por ela



passam, como não passam por nenhum outro lugar, limitadas por diminutivos, todas as ideias que uma sociedade quer transmitir para conservar" (1999, p. 80). Por isso, é preciso provocar mudanças de práticas pedagógicas e saberes docentes e no currículo escolar. Enfim, essa é uma estratégia que deve ser utilizada pela escola para repensar desigualdades de gênero com olhar voltado para resultados da aprendizagem e permanência de meninas e meninos. Não se pode mudar a sociedade a partir da escola, mas é possível, sim, ensinar, experimentar, abrir caminhos e mostrar que cidadania é o direito a ter direitos (ARENDETT, 1997).

Relações de gênero: diferentes e (des)iguais na escola (?)

É importante olhar para as desigualdades presentes nas relações de gênero na escola e buscar entender a importância da análise sobre as relações entre homens e mulheres, meninas e meninos, pensar a sociedade e suas transformações, com foco no envelhecimento de gênero, raça/etnia e classe (SAFFIOTTI, 2015). Além disso, observar que há diferentes formas de tratar o corpo na escola e tem-se utilizado o processo de docilização e controle dos corpos, diferenciações e discriminações sociais, políticas e econômicas em relação a ser homem e ser mulher, femininos e masculinos, assentadas no patriarcado.

Nela, a diferença e a desigualdade de gênero constituem fontes de conflitos e tensões que influenciam nas relações de sociabilidades, no processo de ensino-aprendizagem e separa meninos e meninas no espaço escolar. As formas de diferenciar o que é ser menino e ser menina, o que cada sexo deve ou não fazer e aprender, estimula desigualdades multiplicadas, como um problema que envolve todas as dimensões da vida humana e das relações sociais (DUBET, 2003), sejam elas, de gênero, raça/etnia, classe. Carvalho (2008) discute o conceito de gênero e destaca que diversas



definições distintas vêm convivendo no âmbito dos estudos feministas. Para Joan Scott (1995) e Nicholson (1994) gênero não seria um conceito útil apenas na compreensão das interações entre homens e mulheres, mas uma parte importante dos sistemas simbólicos e, como tal, implicado na rede de significados e relações de poder de todo o tecido social. E Scott (1995) mostra o papel da História na construção das relações de gênero, enquanto objeto de estudo necessário, pois, gênero é tomado como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas culturalmente entre os sexos e como a primeira forma de dar significado às relações de poder. Nessa perspectiva, é uma categoria útil de análise histórica e mostra que nenhuma experiência corporal existe fora dos processos sociais e históricos de construção de significados. O gênero surge com as práticas feministas, traz suas contribuições a essas práticas e se transforma a partir delas. As teorias do patriarcado questionam a desigualdade entre homens e mulheres de várias maneiras, mas apresentam problemas que devem ser respondidos, não explicam o que é que a desigualdade de gênero tem a ver com outras desigualdades.

Com isso, Scott (1995) define gênero como um elemento que permeia todo um sistema de relações sociais, um modo primeiro de significar relações de poder e dominação e, muito mais que apenas relações entre homens e mulheres, é uma identidade subjetiva, complexa, constitui uma categoria teórica e apresenta muitos significados construídos socialmente e utilizados na compreensão de todo o universo natural e social. Assim, propõe uma visão mais ampla de gênero e de seus significados e formula duas proposições para definir gênero: a primeira, como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e a segunda, como “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (1995, p. 86). Para buscar uma compreensão sobre essas proposições é preciso buscar uma compreensão a partir da análise de símbolos culturais acerca das mulheres e

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



que são construídos historicamente. Por isso, a noção de construção social e poder estão articulados, ligados entre si, mas devem ser distinguidos na análise dessas duas proposições.

Portanto, é possível entender que o patriarcado e seus impactos nas relações entre meninos e meninas e a educação (re)produzida na escola é um desafio e podem ser pensados a partir de uma questão importante levantada por Saffioti (2015) sobre o "nó" conceitual formado pelo patriarcado-racismo-capitalismo. Esse nó mescla e amarra gênero, raça/etnia e classe e constrói dinâmicas de desigualdades culturalmente arraigadas na sociedade capitalista. Visto que, a violência contra a mulher é uma realidade nua e crua entre gênero, raça/etnia e classe e forma um nó conceitual das três categorias que só pode ser desatado analiticamente e, na realidade, essa imbricação vai continuar a resistir como um nó "frouxo". Isto porque seus elementos não se desarticulam, é um complexo de relações sociais que não pode ser separado e, ao falar da questão da mulher na sociedade capitalista reforça a importância do conceito de patriarcado nesse contexto. Isso acontece, especialmente na sociedade brasileira, marcada por um tipo de articulação entre dois tipos de desigualdade, uma econômica e outra de gênero. Nela, o nó é formado por contradições fundamentais para explicar as relações sociais de dominação-exploração, opressão de gênero, classe, raça/etnia, ideologias legitimadoras da exploração-dominação arraigadas nas relações sociais. É importante entender que não se trata de uma análise, em termos de sua ideia de nó entre gênero, raça/etnia e classe, de um nó apertado.

Nessa perspectiva, Saffioti (2015) busca um caminho possível para tratar do sentido e significado do termo, em "Gênero, patriarcado e violência" e trata do conceito de violência no primeiro capítulo "A realidade nua e crua", especificamente da violência contra a mulher e traz a análise teórica desta violência, dando especial relevo aos conceitos de gênero e patriarcado. No



segundo, tece algumas considerações sobre violência de gênero e conceito de gênero e mostra que este tipo de violência engloba tanto a violência de homens contra as mulheres quanto a de mulheres contra homens, uma vez que o conceito de gênero é aberto e, por isso, apresenta críticas ao conceito de patriarcado – um “regime de dominação-exploração das mulheres pelos homens” (2015, p. 47).

Para Penha (2019), os profissionais da educação, por possuírem consensos internalizados aprendidos porque foram educados sobre essa dinâmica, podem reproduzir esses papéis na sua vida pessoal e profissional. Por isso, esses profissionais precisam de uma formação que estimule o senso crítico e questões acerca de temáticas sociais, econômicas e políticas para que exerçam com autonomia seu trabalho profissional. Os estereótipos de gênero vêm reforçados nos livros didáticos através de imagens que junto ao ensino, nele baseado, “formam o crisol discursivo para a reprodução cotidiana das crenças étnicas preconceituosas e, frequentemente, as práticas discriminatórias nelas baseadas” (VAN DIJK, 2015, p. 150). Enfim, é preciso tomar conhecimento de que desigualdades de gênero e suas interseções com raça/etnia, classe, quando discutidas no livro didático, apresentadas apenas do ponto de vista do “Outro”, continuam seguindo uma visão preconceituosa das relações de gênero. As diferenças de sexo e suas implicações com significados de gênero na escola requerem muita atenção e nunca estão sozinhos, os entrelaçamentos são complexos, múltiplos. Na perspectiva de Scott (1995) e Louro (1992), gêneros, masculinos e femininos são entendidos de forma relacional, uma construção histórica e social e a mulher não é um ser que está para sofrer dominação-submissão, pois, através de lutas e resistência representa uma força por liberdade, no combate à opressão imposta pelo homem e pela igreja, em busca da sua liberdade e cidadania e se afirmam diante do patriarcado.



Desigualdade de gênero no ambiente escolar e repercussões sociais

Quando falamos em diversidade, especificamente na escola e relação (des)igual entre homens e mulheres na sociedade, é possível perceber que os caminhos se cruzam e exigem abordagens diversas, sem perder a importância do diálogo, reflexões e interlocuções entre saberes e experiências no combate às desigualdades multiplicadas.

A desigualdade de gênero, como vem sendo sinalizada de diversas maneiras através de estudos e pesquisas realizados por diferentes áreas do conhecimento, tem acusado prejuízos às mulheres, principalmente no âmbito da vida pública e social mais ampla, devido às condições que lhes são impostas nas relações sociais e condições de trabalho e os homens também têm sido vítimas desse processo de exclusão. Dados de pesquisas recentes apontam que existe uma defasagem nos quesitos aprendizagem e permanência na escola entre meninos e meninas. Para Bonfanti e Gomes,

desde a primeira infância, estamos dizendo a meninas e meninos o que é ser homem e o que é ser mulher. "Sente-se com a perna fechada", "menino não brinca de boneca", "segura suas cabras, que meu bode está solto", "rosa não é cor de meninos", "jogar futebol é coisa de menino", "meninas não devem usar saias em parquinhos porque podem haver agressores sexuais por perto", "mulher tem que saber cozinhar", "olha o tamanho da saia que ela estava", "menino que chora é mariquinha". Esses exemplos cotidianos enquadram as pessoas em binarismos como forma de existir e reafirmam que o mundo público pertence aos homens e o mundo privado está destinado às mulheres (2018, p.109).

O pensamento androcêntrico, difundido e reproduzido pela sociedade, acumula injustiças através de desigualdade de gênero e a escola reforça essa desigualdade quando não se posiciona criticamente, e sem maiores ponderações, diante de comportamentos e atitudes preconceituosos, faz escolha pelo silêncio ou disciplinarização. Para Moreno (1999, p. 28),

do mesmo modo que cada pessoa tem uma imagem da 'realidade' profundamente influenciada pela ciência e pela ideologia de seu

"ETNICIDADES, EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS: OLHARES PARA DIFERENTES TERRITÓRIOS"

XIX SEMANA DE EDUCAÇÃO DA PERTENÇA AFRO-BRASILEIRA

VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

VI ENCONTRO DE RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

VI FÓRUM DE EDUCAÇÃO: LEIS 10.639/03 E 11.645/08, GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL.

VI ENCONTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICAS

I FESTIVAL DAS ARTES: ANCESTRALIDADES EM MOVIMENTO

CANTINHO DO GRIÔ



tempo, também tem uma imagem do que ela é que foi-se formando precisamente por meio destas e de outras influências similares.

Estas influências constituem o marco de referência do eu cotidiano e tudo o que fazemos, como nos relacionamos e comportamos, a forma de pensar, falar, fantasiar e até sonhar, sofre influência da imagem que temos de nós mesmos. Para Foucault (1988), o corpo é o primeiro lugar de disciplinarização que ocorre quase que naturalmente, transferida de pais para filhos e encontra-se presente todo tempo em disputa no jogo de forças das relações sociais. Na escola, formas de saber-poder se apresentam nos modos de agir de alunos/as e, embora com resistências, comportamento adequado à escola é aprendido e, muitas vezes, meninos não se sentem acolhidos, da mesma forma que as meninas, a começar pelo perfil do professor que atua nos espaços pedagógicos, principalmente nas séries iniciais da Educação Básica. As mulheres têm sido a maioria nesses espaços e nos cursos de formação de professores e esse fenômeno, de ocupação majoritária das mulheres nas profissões de professor é definido como feminização e o professor é, geralmente, representado por alguém do sexo feminino (ANTUNES; ACCORSSI, 2019).

A escola precisa ser mais prática, útil, ter relação direta com a vida. A ausência dessa proposta dentro do sistema educacional leva ao abandono e à evasão. As discussões sobre gênero são importantes para meninos e meninas quando pesquisas apontam que violência e gravidez na adolescência são motivos que levam ao aumento do número de alunos que não prosseguiram nos estudos por esses e tantos outros motivos. A maior parte das razões de abandono e evasão tem relação com a própria escola, ou seja, se a escola não é atraente para o aluno, esses índices chegam a ser bem maiores. As discussões sobre gênero são importantes à medida em que agrega valores à escola, valoriza as diversidades, sem preconceitos e estereótipos de cor, raça, gênero, etnia.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que, embora pareça repetitivo discutir a desigualdade de gênero na sociedade e reproduzida na escola, é importante e necessária essa discussão quando se pensa na desconstrução/reconstrução de conceitos, padrões, competências, para que seja possível a formação de alunos/as responsáveis, participativos/as, críticos/as, livres de estereótipos, preconceitos e colaboradores/as na construção de uma sociedade igualitária para todos/as (SOUSA; GRAUPE; LOCKS,2018).

É um desafio importante repensar falas, posturas, regras que, por longos anos a sociedade insistiu em propagar e a escola, espaço de aprendizagem e construção de saberes, reproduz sem se atentar para as consequências geradas pela desigualdade de gênero em todos os espaços. A humanidade vive dificuldades que só se intensificam. Violência, exclusão, falta de oportunidades, preconceitos, racismo, conflitos étnicos, inclusive a própria desigualdade econômica são males que perseguem a vida social. Se bem analisados, as causas para tantos problemas podem estar diretamente ligadas às questões como a desigualdade de gênero, a exemplo. Enfim, a escola se fecha em si mesma e trabalha a proposta pedagógica desvinculada da sociedade e essas são duas instituições que não dialogam entre si, mas precisam estar alinhadas para formar cidadãos conscientes e críticos. Uma é reflexo da outra. Uma escola (des)igual colabora para uma sociedade (des)igual em todos os aspectos e vice-versa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, L.; ACCORSSI, A. Relações de gênero e a feminização da profissão docente: reflexões sobre a divisão sexual do trabalho. **Revista de Educação, Ciência e Cultura** - RECC, Canoas, v. 24, n. 3, 49-60, nov. 2019.

ARENDT, H. **A crise na Educação. In: Entre o passado e o futuro.** Tradução Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997. p.221-247.



BONFANTI, A. L.; GOMES, A. R. A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? **Periódicus**, n. 9, v. 1, p. 109, maio-out. 2018.

CARVALHO, M. P. de (Org.). **Diferenças e Desigualdades na Escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012a.

CARVALHO, M. P. de. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 21, n. 46, p. 401-412, maio-ago. 2012b.

CARVALHO, M. P. de. Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 28, jan.-abr., p. 77-96, 2005.

CARVALHO, M. P. de. Quem são os meninos que fracassam na escola?. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 11- 40, jan./abr. 2004.

CARVALHO, M. P. de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 29, n.1, p. 185-192, jan.-jun. 2003.

CONNELL, Robert W. "Teaching the boys". In: CONNELL, Robert W. **The men and the boys**. Berkeley: UC Press, 2000. p. 148-172.

DUBET, F. **As desigualdades multiplicadas**. Trad. Sérgio Miola. Ijuí: Unijuí, 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**; trad. Maria Thereza Albuquerque e Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. Trad. Ana V. Fuzatto. São Paulo: Moderna; Campinas: UECs, 1999.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, jul.-dez. Porto Alegre, p. 71-99, 1995.